

Esparta como Vontade e como Representação: uma introdução à escrita de Xenofonte na construção da Lacedemônia.

Autor: Cleyton Tavares da Silveira Silva¹

Resumo: O século V a.C. é um momento crucial na história da Grécia Antiga, as instituições políticas tomam, as concepções de identidade e etnicidade tornam-se mais complexas e sistematizadas. Surge na Grécia a figura do historiador, Heródoto, Tucídides, Xenofonte. Partindo da proposta de entendimento da fonte através da análise das estruturas políticas e sociais do contexto de produção do referido dado, a presente comunicação procura discutir, como Xenofonte em seu texto *A República dos Lacedemônios* traz para sua obra discussões sobre as instituições Espartanas a fim de mostrar a seu universo de leitores as vantagens do modelo político por ele defendido, a oligarquia. Para tanto, lançaremos mão dos conceitos de Representação e Vontade, extraídos do filósofo alemão Arthur Schopenhauer e de Escritura do francês Jacques Derrida.

Abstract: The fifth century is a crucial moment in the history of Ancient Greece, the political institutions take a shape, the concepts of identity and ethnicity become more complex and systematized. Grow up in Greece the figure of the Historian, Herodotus, Thucydides and Xenophon. Based on the proposal for understanding the source by analyzing the political and social structures of the production context of that data, this article seeks to discuss, like Xenophon in his text *The Republic of Lacedaemonians* brings to his work discussions Spartans up institutions to show his readership advantage of the political model proposed by him, the oligarchy. For this, we use the concepts of Representation and Will, taken from the German philosopher Arthur Schopenhauer, and the notion of Scripture from the French Jacques Derrida.

Em busca desse elo perdido entre o passado e o presente muitas vezes retorna-se à civilização grega a fim de encontrar nela as origens das formas de pensamento do ocidente contemporâneo, se deseja retornar-se aos gregos para entender os paradigmas culturais de nossa época. Mas para isso é importante saber, Quem forma os gregos? Ou, a que gregos se quer retomar? Será que possível que seus padrões, modelos políticos e instituições chegaram até nós sem nenhum tipo de ruptura, será que o vasto intervalo de tempo entre antigos e modernos têm continuidades tão tênues que nos possibilitam ter com eles uma ligação direta. É no âmbito destas indagações que nos propomos a pensar a respeito desta civilização que mesmo separada por séculos afincos é lembrada, reeditada em nossa contemporaneidade.

*Quem eram os gregos?*² É o título da conferência proferida em 2001 pelo historiador britânico Jonathan Mark Hall no MAE – Museu de Arqueologia e Etnologia da

¹ Aluno do Programa de Pós-Graduação em História da UFRN. Bolsista Capes. E-mail: cleyton_historia@yahoo.com.br

Universidade de São Paulo. Sua proposta foi pensar a processualidade da formação de identidades gregas, um sentimento que refletiria anseios de (auto)reconhecimento entre os gregos desde o período Homérico ao Helenístico. Para pensar como são possibilitadas identidades gregas em temporalidades distintas, Hall se questiona pertinentemente, *Quem eram os gregos?*

Essa pergunta é feita em um contexto onde grupos os mais diversos têm buscado na História elementos que legitimem determinados posicionamentos que têm atualmente. A diversidade identitária hoje tem feito vir à tona discussões que buscam dar origens às formas de ver e entender o mundo em nossa época, e muitas vezes essas buscas acabam por retroceder centenas de anos a fim de no passado encontrar possíveis raízes do que deseja solidificar (HALL, Stuart. 2006). Um torcedor de futebol, heterossexual, protestante e latino, todos estes substantivos-adjetivos são elementos definidores de identidades que justapostas compõe a noção de auto-reconhecimento deste dado indivíduo.

Entre os grupos a identidade é construída como elemento de confronto, entre os de dentro do grupo, “nós”, e os de fora, “eles” (POUTIGNAT; STRIFFE-FENART, 1998). A concepção do dístico nós/eles é composta através da proposição de critérios, quesitos utilizados tanto para incluir elementos, como para excluir elementos. Em relação aos antigos, é importante pensarmos que critérios os próprios gregos criaram para produzir entre si um sentimento de pertença, assim como se utilizaram destes mesmos elementos para definir os outros, os de fora, “eles”.

É nesse sentido que pretendemos colocar nossas discussões, em nosso estudo tentaremos dar vazão a tal questionamento, *Quem foram os gregos?* Pelo menos no que tange a uma pólis grega, Esparta, ou Lacedemônia, como prefere Xenofonte.

Quem eram os espartanos, é um grande problema já que eles mesmos não escreveram sobre si mesmos, ou seus escritos não chegaram ao nosso século, mas por outro lado, foram personagens indispensáveis na literatura grega, desde Homero, a Tucídides, passando por diversos gêneros e estilos literários, desde Aristófanes a Heródoto. Pensar através da visão dos outros é uma forma válida para o estudo de grupos sociais que não produziram sobre si mesmos, pois entendemos que através do filtro imposto pelo escritor, através das apropriações que este faz usufruto para escrever

² HALL, Jonathan M. Quem foram os gregos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 11: 213-225, 2001.

seu objeto, podemos perceber as relações que são perpetradas nelas mesmas, a fim de entender a proposta da escrita (CASSIRER, 2004).

Estas leituras sobre a Lacedemônia³ produzem um conjunto de imagens e discursos que compõem o arsenal representativo a respeito dos Lacedemônios. Vai-se das imagens já concebidas para reconhecer quem são os espartanos, isso é representar. Mas representar não simplesmente a capacidade de (re) apresentar, mas a de reconhecer, entender, conceber, enfim, é competência de tornar palatável um determinado objeto, vai do existir ao vir a ser, trazer de fora, *Outside*, *Delós*, um saber que viabilize o entendimento sobre o dado objeto, e tal operação somente se potencializa através da dotação de razão, pois é através dela que se pode representar. Tal operação não se dá de maneira direta, mas antes, passa por uma relação mais complexa, mais um elemento da natureza, segundo Arthur Schopenhauer, a Vontade. Através dela, do sentido, do querer-ser, do querer-ver é que se produz uma representação de um objeto, é através da vontade, sentido real que move os indivíduos em suas labutas, que se produz saberes e entendimentos sobre um dado objeto, se constrói a representação. Esta vontade está para além de um querer pessoal, transcende a razão do ser e infringe assim a racionalidade, mas vai do ser ao devir. (SCHOPENHAUER, 2005)

Mas para darmos vazão à concepção, ao saber formulado ainda em finais de século V início do IV a.C.⁴ a respeito de Esparta ratificado nas fontes, deveremos realizar uma leitura para além da escrita, pois procedendo assim, tomando a fonte como elemento irretocável e inquestionável, poderíamos apenas seguir os itinerários das fontes, falando apenas o literal, aquilo já previsto pelas intencionalidades do autor. Nosso intento é partir de uma leitura mais ampla, que coloca o ato de escrever-construir em um contexto maior, tudo aquilo que está à volta do ato, a *Escritura*, tal qual a proposta de Jacques Derrida. Pensar que no ato da escrita de Xenofonte, este predisporá uma série de vontades e intentos que não estão propriamente escritos no texto, mas feita uma análise que encontra o contexto de produção pode-se localizar, pequenas frestas, ressonâncias das disputas nas quais Xenofonte estivera envolvido.

Para tal intento escolhemos o texto, *A República dos Lacedemônios*⁵, pois acreditamos que neste texto resquícios das posições política e morais de Xenofonte

³ Tanto o termo Esparta - Επάρτη - como a expressão Lacedemônia - Λακεδαίμονια - são utilizadas por Xenofonte para designar a cidade grega ao sul do istmo de Corinto.

⁴ Todas as datas presentes neste artigo referem-se ao período anterior ao nascimento de Cristo. Se porventura seja necessário nos remetermos ao período posterior, faremos o devido esclarecimento.

⁵ ΛΑΚΕΔΑΙΜΟΝΙΩΝ ΠΟΛΙΤΕΙΑ.

aparecem com clareza, e entendemos que estes elementos servem ao autor como critérios de exaltação à Esparta em relação às outras cidades da Grécia, cidades estas que ele mesmo não cita diretamente, mas faz-se entender quais são.

Em nosso ensaio nos preocuparemos em responder duas questões, que entendemos como básicas à construção de Esparta a partir de Xenofonte: *Para que Esparta*, a que tipo(s) de cidade recorre Xenofonte, à que intento se presta sua escrita; e, *Para quem Esparta*, que tipo de grupo está disposta a escrita, a audiência propriamente de Xenofonte. Esta dupla problemática terá por base as propostas de Schopenhauer, a Vontade e a Representação, e assim, nosso estudo propõem analisar como Xenofonte sistematiza em seus escritos uma Esparta cujo conteúdo retoma aos ideais de uma polis para ele sem defeitos, cujos valores devem ser sempre exaltados, e imitados. Para que tal operação se efetive, lançaremos mão de uma análise do texto em sua amplitude, num espaço de escritura, pretendendo assim, entender o fazer-ver proposto pelo autor.

Apesar de existirem muitos trabalhos sobre Esparta, pautadamente os recentes textos do historiador Paul Cartledge, o objeto não se esgota em si mesmo, mas depende das abordagens realizadas sobre ele, pois cada abordagem produz um saber sobre o objeto, e em determinados objetos o saber se condensa a vários outros (CASSIRER, 2004). Nosso esboço se pretende como uma proposta diferencial de estudo, pois parte de uma base teórica que tem sob alicerce as representações, conceito este que em nossa perspectiva tem relação dialética com a realidade. As representações partem de uma cena inicial, partem de uma materialidade sejam elas de naturezas as mais diversas, por fim, entendemos que discursos e realidades objetivas, no caso de Esparta, estão em um contato tão íntimo que caso seja possível separá-los dificilmente poder-se-ia identificá-los com facilidade.

Para que Esparta

Xenofonte é um elemento que passeia em estilos da escrita grega, vai da filosofia, *A Apologia de Sócrates*, à História, *Helênicas*. Essa proposta segue no intento de defesa de um ideal político. Em *A República dos Lacedemônios*, o intento de Xenofonte é claro, provar, fazer-ver porque Esparta suplantou todas as outras cidades da Grécia, nesse sentido segue o escrito das primeiras linhas do texto:

Um dia, eu meditava sobre o fato de que Esparta sendo, uma das cidades menos povoadas, não obstante, tem se mostrado a mais poderosa e conhecida

na Grécia, não pude deixar de me perguntar, querer saber, como tal coisa pode acontecer [...] Embora Licurgo que lhes deu leis, cuja obediência lhes devem sua prosperidade, a fazer isso eu admiro você homem conhecido pela extrema sabedoria. (XENOFONTE, A República dos Lacedemônios, I. 1-2)⁶

Para que se entenda o sentido expresso por Xenofonte é preciso ultrapassar os limites da escrita, a fim de tentar perscrutar o motivo de sua fala. Esse texto fora produzido ainda na juventude de Xenofonte, possivelmente próximo ao ano de 404, quando os espartanos vencem os atenienses em Egospótamos e alcançam uma curta hegemonia sobre o mundo grego. Então surge a necessidade de explicar como fato se deu, como uma cidade pequena, pouco povoada, fraca comercialmente pode alcançar o domínio sobre a gigante Atenas, a prefeitura da Hélade, como destaca Isócrates?

Os elementos textuais nos permitem afirmar que o seguimento das leis fora para Xenofonte a causa do desenvolvimento lacedemônio. A observação da Justiça é para Xenofonte fator decisivo na construção de uma Hegemonia espartana sobre os gregos. Platão em a República lembra que é o Estado deve ser justo, a fim de que o cidadão também o seja (A República, Livro II). Há uma ressonância aí, o mais virtuoso (*Kalói kagatói*) estado alcança sobre, aqueles que esqueceram a justiça, soberania. O estado sábio cujo legislador fora conhecido por sua sabedoria.

“...uma das cidades menos povoadas...” Esparta foi uma cidade pequena, mas atribuir tal superlativo requer um grau de comparação, pequena em relação a quem? No nosso caso, em relação a Atenas, a cidade de Xenofonte. No período da escrita de Xenofonte fora sabido que a população de cidadãos de Esparta fora enxuta, diminuta. Heródoto afirma ter Esparta uma população em torno dos cinco mil cidadãos:

Tendo refletido sobre esse conselho, os éforos decidiram colocar imediatamente em ação suas tropas, e, sem nada comunicar aos delegados de Atenas, Mégara e Plateia, fizeram partir imediatamente, embora fosse noite, cinco mil espartanos, acompanhados, cada um, de sete hilotas, sob o comando de Pausânias, filho de Cleômbroto. (Heródoto, IX, X)

Estes cinco mil hoplitas, soldados-cidadãos, compunham o corpo principal da tropa, mas cada um deles fora acompanhado por sete hilotas, então seriam trinta e cinco mil homens como escudeiros e tropas auxiliares. Neste caso Xenofonte ignora o imenso número de hilotas ao serviço de seus senhores espartanos. Ele assim o faz, pois estes indivíduos não compõem a cidade, mas a polis é composta pela interação entre os

⁶ Livre tradução realizada pelo autor da versão em espanhol do original JENOFONTE. *La República de los Lacedemonios*. Tradução de Maria Rico Gomez. Centro de Estudios Constitucionales. 1989. Edição Bilingüe. Grego-Espanhol.

cidadãos, os hilotas não são membros da comunidade como iguais mas são elementos aprisionados. Uma cidade para que se possa manter a virtude deve ser, portanto diminuta em número de cidadãos. A surpresa de Xenofonte pode ser entendida como crítica à sua cidade natal, já que Atenas além da abranger o acesso à cidadania desde as reformas de Drácon, recebia sem maiores danos estrangeiros de toda a parte, atribuindo-lhes o termo *meteco*⁷, aquele que mora junto de, e estes apesar de não gozar dos direitos políticos, trabalhavam em atividades ligadas ao comércio, por exemplo, e enriquecendo passavam a fazer parte da comunidade de cidadãos, mesmo que indiretamente.

A problemática, *Stásis*, está presente no aumento vertiginoso do número destes estrangeiros⁸ que atraídos pela prosperidade ateniense migravam periodicamente para cidade no sentido de alcançar melhorias de vida para si e para os seus. Notemos que o espanto de Xenofonte não está propriamente na pequenez da população espartana, mas no fato de ter sido Esparta, a de pequena população, superior à Atenas, cuja população fora imensa.

... a mais poderosa e conhecida na Grécia, não pude deixar de me perguntar, querer saber, como tal coisa pode acontecer...” Xenofonte aqui é claro, seus estudos não pretendem investigar o porque de Esparta ocupar tal posição, mas seu saber é preconcebido. Esparta é a mais poderosa e conhecida polis grega. Seu espanto é explicado no período seguinte *“mas ao considerar os costumes dos Espartanos, deixo de me assustar”*⁹.

Os costumes aos quais se refere são as leis trazidas por Licurgo, o mítico legislador de Esparta. Licurgo teria sido descendente de uma das famílias reais de Esparta, a casa euripôntida. Licurgo teria sido irmão do rei, e com a morte deste receberia o trono, mas porventura do destino, apesar de morto, o rei teria deixado semeado o ventre da esposa, a qual gerou Leobotas, rei de Esparta cujo tutor, fora seu tio, Licurgo. Este temendo o futuro de sua cidade, governada por seu infante sobrinho, teria ido à Delfos a fim de receber ali indicações, coordenadas para que pudesse Esparta tornar-se uma grande cidade. Lá Licurgo teria recebido as Leis, a Rethra e recebido com o seguinte tratamento: “Eis que vens ao meu templo, amigo de Júpiter e dos habitantes do Olimpo. Hesito em declarar-te um deus ou um homem; creio-te, antes, um deus”. (HERÓDOTO, I, LXV).

⁷ Μετοικος

⁸ Estrangeiros, Χενοί, pode ser entendido como todo elemento que não é cidadão de Atenas, mesmo que seja grego de outra cidade

⁹ Ἐπεὶ μὲντοι κατενόουσα τὰ ἐπιτεδύματα τῶν Σπαρτιατῶν, οὐκέτι ἐθαύμαζον.

Este conjunto de leis feitas por Apolo por intermédio de Licurgo seria então para Xenofonte a razão pela qual havia grande estabilidade social em Esparta, e tal equilíbrio se dava exatamente pelo cumprimento das leis. Há problemas nesta interpretação: a) havia grande desconfiança sobre a natureza de Licurgo; b) a natureza das leis; c) não havia uma estabilidade social tão bem assentada.

Não há certezas nas fontes literárias quanto à existência de Licurgo, há várias hipóteses. Ainda na antiguidade Plutarco já discorda da existência de Licurgo. Na contemporaneidade há propostas que afirmam ser Licurgo um elemento inventado no período helenístico, quando das reformas empreendidas pelos reis Ágis IV e Cleômenes III. Esta hipótese não resistiu aos achados arqueológicos do período Clássico, ou seja, a figura de Licurgo é anterior ao Helenístico (OLIVA, 1983, p. 66).

As leis de Esparta não estavam escritas, pois assim o quis Licurgo, de acordo com Xenofonte, assim o fez para que as leis estivessem no cotidiano e não guardadas sem uso. Por isso mesmo, a dificuldade de se entender o teor desse conjunto legislativo, por outro lado, entendemos que ao se utilizar da imagem religiosa na construção de um código de conduta, não se cria apenas um modelo a se seguir, mas se cria o modelo, e um padrão de origem divina.

A tensão social em Esparta fora uma constante. Após a conquista da Messênia, por volta do século VI, Esparta passou a controlar um vasto vale produtor de grãos cuja população original fora reduzida à servidão. Sendo este grupo muito maior que o de espartanos, como se pode ver na citação de Heródoto, havia sempre o temor de revoltas deste grupo o que ocorria com freqüência, mas para alguns é esse conflito social interno que produziu em Esparta uma sociedade militarizada, e que com a diminuição destes conflitos é que se deu a decadência da cidade (FLORENZANO, 1982).

Para quem Esparta

No ano 2000 o historiador José Francisco de Moura – Doutor em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – publicou seu livro intitulado *Imagens de Esparta: Xenofonte e a Ideologia Oligárquica*¹⁰, sendo este parte de sua tese de Doutorado. Nesse texto, Moura destaca a formação de um grupo de oligarcas gregos do século IV, que tentando produzir na Hélade do período um discurso que legitimasse

¹⁰MOURA, José F. de. *Imagens de Esparta: Xenofonte e a Ideologia Oligárquica*. Rio de Janeiro: Laboratório de História Antiga, 2000. (Hélade supl. 2).

suas práticas como exemplo de condução da vida política, criam um a série de idealizações sobre Esparta. Estes oligarcas, dentre eles autores atenienses, estariam, segundo Moura, ligados por um laço ideológico, um conjunto de forma de ver e praticar o mundo conduzido exatamente por esse sentimento mútuo de ligação ideológica.

Moura parte de um paradigma historiográfico estabelecido a partir dos anos de 1930, quando o também historiador François Ollier publicou o texto, *La Mirage spartiate: étude sur l'idealisation de Sparte dans l'antiquité Grecq de l'jusqu'aux cyniques*¹¹. Esta tese remontava a proposta feita anos antes pelo também francês Gustave Glotz. Para estes autores Esparta não passa de um mito, uma *miragem*, como indica o texto de Ollier. A cidade fora então uma criação discursiva empreendida desde o período Helenístico, principalmente durante o reinado de Ágis IV e Cleômenes III, que intentando resgatar a cidade da franca decadência de então, teriam criado as imagens mais recorrentes sobre Esparta – A educação estatal, a condição feminina, e a Rethra conjunto de leis criadas pelo mítico Licurgo. Esta empresa, a construção de Esparta, teria seguido então da antiguidade, passando pelos séculos afincos e se estendendo na historiografia romântica do século XIX e se enraizando principalmente na historiografia alemã do início do século XX.

É dentro desta proposta, uma Esparta idealizada criada somente nas fontes e longe de uma verdade objetiva, que escreve Moura. Para ele ainda há um agravante, a figura de Xenofonte. Pois este amante da lacônia, *Laconfilo*, teria sido responsável por esta invenção, no sentido extremo da palavra, uma invenção criadora.

Xenofonte fora um ateniense que viveu durante os anos finais do conflito fratricida que pôs fim ao regime políade, Pólis como um sistema autônomo de organização social e política comum em cidades na Hélade do século V, a Guerra do Peloponeso. Este conflito fora para Xenofonte alvo de estudo, principalmente sobre o período final do conflito trata-se aqui do texto *Helênicas*¹². Este conflito também fora descrito por Tucídides. Ainda na Juventude Xenofonte fora aluno da escola socrática, onde fizera amigos e principalmente inimigos, como no caso de Platão. Platão e Xenofonte rivalizavam o destaque na academia socrática, mas concordavam em relação a um dado tema, Esparta.

¹¹ OLLIER, F. *La Mirage spartiate: étude sur l'idealisation de Sparte dans l'antiquité Grecq de l'jusqu'aux cyniques*. Paris 1933-1943.

¹² Texto ainda sem tradução para o português.

A proposta de Moura segue na rota da afirmação que Xenofonte escreve para uma elite letrada grega, composta de leitores crentes no sistema oligárquico, como superior ao democrático, uma audiência pautadamente ateniense. Estes indivíduos estariam então ligados por uma relação ideológica, uma comunidade imaginada através da crença em um mesmo sistema político.

Concordamos que a escrita de Xenofonte corresponde a uma tentativa de proselitismo político em favor das oligarquias. Tal empresa se deu principalmente após os conflitos com os persas, após a vitória dos gregos sobre o exército de Xerxes, principalmente na Batalha de Salamina, os gregos liderados por Atenas começaram a produzir uma imagem dos persas ligados sempre a uma *Hybres*¹³. Esta caricatura do recém-vencido inimigo contesta uma visão anterior das elites gregas de apreço e até imitação de elementos persas. A partir da vitória da democracia ateniense sobre os bárbaros, o número de democracias na bacia do egeu aumentou sensivelmente (HALL, Jonathan M. 2001), o que sugeriu a escritores posteriores, como no caso de Xenofonte, a necessidade de se escrever sobre os benefícios da oligarquia em detrimento ao regime democrático.

Apesar de concordarmos parcialmente com Moura, pensamos que este sentimento de ligação entre os membros de uma tradicional elite grega vinculadas é mais complexo, que um conjunto de visões concordantes em comum. Percebemos que o conceito de Ideologia aqui é destoante. Pensamos que o conceito de helenicidade, um sentimento de pertença ao universo heleno, é mais denso e preciso.

As identidades no mundo grego são dinâmicas e modificáveis nos vários períodos da história grega. Entendemos que em momentos diferentes os critérios de inclusão dentro da comunidade grega são diferentes. Tradicionalmente o conceito de identidade grega está ligado a uma relação de raça. A origem dos gregos seria proposta através de uma ligação racial em comum. Todos os gregos seriam descendentes de Helenos, cujos filhos, Dorieu, Xuto e Eolo seriam os ascendentes em comum dos gregos. Os Dórios e os Eólios. Na necessidade de abranger a comunidade grega, foram criadas as imagens de Aqueo e Íon, os filhos de Xuto, a fim de colocar dentro do âmbito grego os aqueus e jônios.

A formação de uma comunidade que é identificada através da crença em um ascendente em comum reitera a idéia de unicidade entre os gregos. Então deveria haver

¹³ Ηψβρες = dado aos excessos

um sentimento de igualdade entre os gregos através do critério raça, por outro lado, povos considerados gregos estariam de fora desta aplicação. Os arcádios, que lutaram ferozmente contra o inimigo persa, foram adaptados ao grupo grego, pois se uniram aos helenos para dar combate a um inimigo em comum.

Todas estas modificações traziam para o grupo cada vez mais membros, e dentro deles os indivíduos poderiam reivindicar os mesmos direitos usufruídos por uma população já incluída na comunidade anteriormente, uma população cujos indivíduos arrolavam para si o título de tradicionais, como Xenofonte. Membro desta elite receosa, via com maus olhos a entrada de estrangeiros tanto na cidade como dentro de um conjunto de critérios que se reconheciam como greicizantes, dentro do que chama-se *Koiné*¹⁴, dentro da comunidade de gregos.

Por fim, entendemos que a audiência de Xenofonte é composta por membros de uma temerosa elite ateniense, que receava o avanço de elementos estrangeiros na cidade, tanto dos comerciantes que de maneira que enriqueciam passavam a gozar de certos privilégios, como gregos que partidários à causa dos grupos dirigentes de Atenas, começavam a aplicar em suas cidades, recém-helenizadas, o regime democrático. Estes elementos estavam unidos por interesses econômicos e culturais, a manutenção de *status quo*, sobretudo após as guerras Médicas que possibilitaram grande avanço sobre os grupos oligárquicos. Esta mesma elite se identificava entre outros aspectos através de critérios raciais, grupos diretamente ligados aos descendentes de Helenos, crentes em uma comunidade imaginada ligada à figura de ancestral em comum, construíram para si elementos de auto-reconhecimento. (HALL, Jonathan M. 1997 apud ALDROVANDI, 2010).

Esparta fora uma pólis no mínimo singular, pois urbanisticamente não se constituía de um núcleo urbano central, mas de vários assentamentos alocados ao redor da acrópole. Estes assentamentos foram Pitanna, ao norte, onde foram encontradas tumbas descritas como dos reis da dinastia euripôntida; Limnas, localizada ao leste; Mesoa, como o próprio nome faz lembrar, localizada em uma região central entre os assentamentos; e por fim, Conoura ou Cinosura, ao sul.

Apesar de se encontrar ali resquícios de templos dedicados à Menelau e Helena, personagens espartanos de *A Ilíada* e *A Odisséia*, a cidade não remonta ao período micênico, pois a partir da arqueologia já se sabe, suas fundações são mais recentes e de

¹⁴ Κοινή

menor elaboração que os resíduos encontrados em outras cidades micênicas. Essa visão nos permite entender que a comunidade que ali habitava produziu para si simbolicamente uma relação memorial com a figura destas duas personagens de Homero.

Esparta fora reconstruída no mesmo lugar, mas com nome diferente, Lacedemônia, após a invasão Dórica, narrada por Tucídides como o retorno dos *Heráclidas* (TUCÍDIDES, I XII). Com a chegada destes povos de origem indo-européia, as populações autóctones foram adaptadas ao modo de vida e produção dos invasores. Os Heráclidas recebiam este nome, pois havia a crença de serem estes descendentes de Hilo, um dos filhos de Hércules, o nome grego de Hércules. Estes povos reduziram à servidão grande número de elementos indígenas da região, aos que durante o processo de invasão lhes ofereceram algum tipo de resistência foram escravizados, os Hilotas¹⁵. Já grupos que não resistiram ao avanço Dórico, os Periecos¹⁶, tornaram-se elementos que poderiam habitar cidades da Lacônia, gozando inclusive de certa liberdade, já que lhes era permitido a prática do comércio e recebiam lotes de terra para que pudessem produzir nelas.

Tendo a seu dispor um conjunto de saberes produzidos e difundidos por autores atenienses dos V e IV século, Xenofonte pode, em tempos de crise, sistematizar a através do tratado *A República dos Lacedemônios*, a política administrativa de Esparta. Tal procedimento difere de Heródoto, já que o “Pai da História” que também escrevera sobre Esparta, preocupou-se exclusivamente com as relações externas da Lacedemônia em contato com outras Pólis.

Em sua escrita Xenofonte pretende não apenas investigar, mas concluir como Esparta, apesar da miúda população, tornou-se a maior e mais afamada pólis grega. Sua proposta pode ser entendida através da proposta de Derrida, no que diz respeito à *Escritura*. Entender toda uma complexa teia de relações que antecedem o ato da escrita, da anúncio. Para que possamos compreender a que tipo de imagens recorre Xenofonte, por que delas se utiliza, fazemos uso das propostas de Arthur Schopenhauer, *Representação*, e *Vontade*.

O ato da escolha, da seleção de elementos configurara a escrita são intencionais, e para que possamos encontrar exatamente os rastros dessas intencionalidades tentamos aqui compreender a que tipo de audiência, que são os leitores de Xenofonte, o autor se

¹⁵ Deriva possivelmente do termo *Ἡλεο*, aprisionado.

¹⁶ Deriva do termo *Περιεκοί*, da vizinhança, ao redor.

pronúncia. Neste mesmo sentido, nos preocupamos em responder a que tipos de representação e assim, a que tipo de serviços se presta a escrita de Xenofonte. Através de *Para que Esparta* e *Para quem Esparta*, tentamos narrativamente, entender as tensas relações de auto-reconhecimento em uma Hélade sob o fogo dos conflitos entre as Póleis, e como estas relações guiavam as propostas de identidade na Grécia entre os séculos V e IV antes de nossa Era.

Por fim, entendemos que nossas propostas até aqui tentam discutir à luz de uma História Cultural, a fim de discutir as relações de representação através de uma materialidade, pois cremos, que esta abordagem é adequada ao trabalho do historiador. Nossa proposta discute através das fontes, formas e modelos lingüísticos, pois entendemos que através da escrita há materialidades tangíveis, as quais produzidas intencionalmente ou não podem ser traduzidas, investigadas e por fim trazidas à baila a fim de assim o fazendo darmos ao estudo da história uma plausividade que supera o entendimento literal da fonte.

Referências bibliográficas

- ALDROVANDI, C. E. V. 2009. Etnicidade, helenicidade e alteridade: apontamentos sobre a visão do outro e de si mesmo no mundo antigo. S.P., Labeca – MAE/USP.
- CASSIRER, Ernst. *A Filosofia das Formas Simbólicas*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2004.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2004
- FLORENZANO, Maria Beatriz B. *O Mundo Antigo: economia e sociedade*. Rio São Paulo: Atual, 1982.
- HALL, Jonathan M. *Ethnic identity in Greek Antiquity*. Cambridge. Cambridge University Press, 1997
- _____. Quem foram os gregos. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 11: 213-225, 2001.
- HALL, Stuart. *Identidade Cultural na Pós Modernidade*. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Dp&A, 2006.
- HARTOG, François. *O Espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- HERÓDOTO. *História*. Trad. J. Brito Broca. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.
- JENOFONTE. *La República de los Lacedemonios*. Tradução de Maria Rico Gomez. Centro de Estudios Constitucionales. 1989. Edição Bilíngue. Grego-Espanhol.
- MOURA, José F. de. *Imagens de Esparta: Xenofonte e a Ideologia Oligárquica*. Rio de Janeiro: Laboratório de História Antiga, 2000. (Hélade supl. 2).
- OLIVA, Pavel. *Esparta y sus problemas Sociales*. Madrid: Akal Editor, 1983.
- POUTIGNAT, Philippe; STRIFFE-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade: seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.
- TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: UNB, 1982
- SCHOPENHAUER, Arthur. *O Mundo como Vontade e como Representação*. São Paulo: UNESP, 2005